



**ST 01. AS CIDADES E OS USOS DO PASSADO DIÁLOGOS COM A MEMÓRIA E A CONSTRUÇÃO DOS ESPAÇOS**

71

**VIVÊNCIAS LEMBRADAS: MEMÓRIAS SOBRE AS TRANSFORMAÇÕES (N)DOS ESPAÇOS E NOS MODOS DE VIVER NA CIDADE DE AROEIRAS – PB (1970-1990)**

*Aparecida Barbosa da Silva<sup>1</sup>*

**Resumo:** É sabido que as cidades podem ser pensadas em sua materialidade e também em seus aspectos imateriais. A partir de tal compreensão procuramos refletir sobre as reformas urbanas da cidade de Aroeiras, na Paraíba. Nesse sentido, ao longo deste artigo, buscamos analisar as transformações urbanas que impactaram na vida dos habitantes da cidade, pois compreendemos que a partir de 1970 ocorrem significativas mudanças nas características da malha urbana. Paulatinamente, os espaços ganham outras configurações. Assim, o nosso trabalho é uma proposta de reflexão de como as memórias de diferentes sujeitos que atribuem significados para o urbano retratam experiências vividas, reformas materiais, nuances de uma cidade de pequeno porte. Acreditamos que a memória é um importante lócus para refletir sobre os usos dos espaços, dar visibilidade aos diversos olhares sobre o urbano com a pretensão de compreender práticas sociais e culturais inscritas nas memórias de seus habitantes. Neste trabalho, utilizamos os relatos de memória como fontes primordiais para o estudo das alterações da malha urbana, e como elas teriam sido vivenciadas e interpretadas por aqueles que viviam no município. Para concretizar nossa pretensão, realizamos entrevistas temáticas com pessoas que moravam na zona urbana e na zona rural de Aroeiras. Estas, com suas experiências fornecem os fios que, articulados com outras fontes escritas, são tomados como os indícios que ajudam a compor esta escrita, ou seja, contribuem para a realização de uma visão e significação sobre o passado das cidades. Acreditamos que a valorização da memória enquanto fonte contribui para fazer emergir aspectos das singularidades das cidades, pois essas pessoas também produzem o contexto social e cultural em que se inserem, em outras palavras, compreendemos que através de suas práticas, também constituem a cidade.

**Palavras-chave:** Cidade de Aroeiras. Memórias. Reformas Urbanas.

*Ah! Aroeiras têm muita história, né? Essa cidade tem muita história. A gente vai conversando e vai lembrando, e as coisas*

<sup>1</sup> Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, Campina Grande, PB – Brasil.

*vão aparecendo. É! É história de um município, de pessoas que trabalham na agricultura e também tem seus divertimentos!*

*Manoel Francisco de Andrade.*

O senhor Manoel Andrade, nascido no sítio Massaranduba, situado na zona rural do município de Aroeiras, mudou-se para a cidade nos primeiros anos da década de 70. Esse entrevistado nos contou sobre como suas memórias de morador configuram aquele espaço urbano e representam as reformas materiais vivenciadas por ele e por seus familiares, bem como também se remeteu aos impactos causados pelas modificações que, na nossa compreensão, são responsáveis por redefinir as espacialidades em sua dimensão material e também no que se refere aos modos de viver a cidade, de praticar os seus espaços.

Assim como a entrevista realizada com o referido senhor, também realizamos entrevistas temáticas com outros moradores de Aroeiras por compreendermos que as interpretações das pessoas comuns possibilitam não apenas refletir sobre a cidade e as transformações em si, mas, sim, acerca de como modificações estruturais e sociais são percebidas pelos moradores que viveram as mudanças. Com tais pretensões, esclarecemos que a cidade de Aroeiras<sup>2</sup>, na Paraíba, é tomada como objeto de estudo ao longo desta escrita.

Nesse percurso, os fios das memórias dos moradores foram escolhidos para tecer o tecido deste texto, pois retratam as reformas materiais processadas naquele espaço urbano de pequeno porte, assim como também remetem às experiências vividas, nuances de uma cidade que oferece inúmeras possibilidades de interpretação.<sup>3</sup> Nas páginas seguintes significações são formuladas pelos desejos de conferir sentidos ao passado da cidade, vivido e também representado por seus habitantes.

Em se tratando de tal proposta, pretende-se ainda refletir sobre a crescente redefinição dos espaços, responsável por impactar no viver urbano, no cotidiano dos homens que se relacionam entre si e com o espaço em que vivem.<sup>4</sup> Nesse sentido, no diz respeito à problematização das reformas materiais e dos modos de viver em uma pequena cidade do Estado da Paraíba, lançamos o nosso olhar para buscar compreender esse processo. Então, acreditamos que é possível vislumbrar a espacialidade em estudo e refletir sobre ela a partir de múltiplos relatos.

---

<sup>2</sup> A cidade de Aroeiras, objeto de investigação deste texto, está situada no agreste paraibano, limitando-se, ao sul com a cidade de Umbuzeiro, ao norte com Fagundes e Itatuba, ao oeste com Gado Bravo, ao nordeste com Queimadas e ao leste com Natuba. O Município possui duas estradas: a BR 102, no sentido de Campina Grande a Aroeiras, e a BR 090, no sentido Itatuba a Aroeiras. Está situada a uma distância de aproximadamente 54 km de Campina Grande, cidade polo da região, e a 178 km de João Pessoa, capital do Estado. Possui uma área territorial de 374, 697 km<sup>2</sup>. Segundo os dados do IBGE sua população estimada em 2013 era de 19.259 habitantes. A cidade foi emancipada em 1953. Antes da emancipação pertencia à Comarca de Umbuzeiro.

<sup>3</sup> Para conhecer uma discussão teórica sobre a cidade discutida a partir de vários olhares, e de diversas perspectivas historiográficas, ver: SOUZA, Antônio Clarindo de. Apresentação: experiência moderna e cidades. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de; FERNANDES, Paula Rejane (Org.). *Cidades e experiências modernas*. Campina Grande, UDUFCG, 2010.

<sup>4</sup> Sobre a conceituação de cotidiano e as relações estabelecidas entre os cidadãos e as espacialidades, ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

Tratar sobre tais aspectos requer ainda uma valorização do indivíduo, o que contribui para uma história mais rica, tendo em vista o contato direto do pesquisador com os sujeitos (PRINS *apud* JUCÁ, 2003, p. 51). O argumento torna-se pertinente por considerarmos que

[a] pesquisa com fontes orais apoia-se em pontos de vista individuais expressos nas entrevistas; estas são legitimadas como fontes (seja por seu valor informativo, seja por seu valor simbólico), incorporando assim elementos e perspectivas às vezes ausentes de outras práticas – tradicionalmente relacionadas apenas a indivíduos – como a subjetividade, as emoções ou o cotidiano (AMADO, 2006, p. 13-14).

É preciso ainda considerar que as visões dos habitantes expressam uma diversidade de olhares portadores de indícios, de fios de experiências vividas e costuradas ao longo deste texto com a pretensão de constituir uma possibilidade de escrita a respeito de uma cidade, de seu processo de transformações urbanas, pois os múltiplos olhares que vislumbram Aroeiras se tornam apreensíveis enquanto fios de memórias e de vivências sobre os quais refletimos com a pretensão de contemplar as alterações da materialidade e suas implicações na vida dos cidadãos. Nesse processo,

[a] cidade é, sobretudo, uma materialidade erigida pelo homem, é uma ação humana sobre a natureza. [...] Aliás, é pela materialidade das formas urbanas que encontramos sua representação icônica preferencial, seja pela verticalidade das edificações, seja pelo perfil ou silhueta do espaço construído, seja ainda pela malha de artérias e vias a entrecruzar-se em uma planta ou mapa. [...] Mas a cidade, na sua compreensão, é também sociabilidade: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos. Marcas, todas, que registram uma ação social de um domínio e transformação de um espaço social no tempo. [...] cidade, lugar do homem; cidade, obra coletiva que é impensável no individual; cidade, moradia de muitos, a compor um tecido sempre renovado de relações sociais (PESAVENTO, 2007, p.13,14).

Percebe-se que Pesavento (2007) considera a cidade em suas múltiplas dimensões. Sendo assim, é importante frisar que para compreender a dinâmica de um espaço urbano de pequeno porte, comungamos com o entendimento dessa autora e escolhemos olhar para a materialidade sem deixar de considerar o tecido de relações sociais dos cidadãos de Aroeiras. Nesta perspectiva, também se tornou possível compreender que é possível interpretar a cidade como uma espacialidade construída por seus habitantes.

[...] O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunstanciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. [...] Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um “próprio”. Em suma, o espaço é um lugar

praticado. Assim, a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 1994, p.202)

Certeau (1994) referenda a compreensão da cidade enquanto espaço praticado. Os espaços são constituídos pelas experiências vividas, pelas práticas do homem comum. A partir dessa compreensão, as pessoas são atores e autores responsáveis por estabelecer as articulações necessárias para elaborar os espaços, construídos e reconstruídos pelas ações dos moradores do urbano. Percebemos ainda que na perspectiva desse autor, diferente do espaço, o lugar se relaciona com a imobilidade, com a fixação.

Nesse sentido, contribuí para refletirmos sobre as espacialidades. Com as suas contribuições teóricas de grande valia, pensamos sobre o viver urbano dos cidadãos, dispostos pelas ruas comerciais, pelos espaços que compõem a feira, pelo mercado público, pelas praças da cidade, nas comemorações das festas de rua; vislumbramos o morador comum construindo vivências, deixando aflorar a sua criatividade, experimentando os espaços, as áreas urbanas contempladas com serviços de urbanização responsáveis por impactar e redefinir as vivências dos homens urbanos.

Diante de tais questões, tornou-se possível compreender que a cidade de Aroeiras também configurar-se como uma espacialidade construída por seus moradores, e assume a conotação de lugar nos relatos dos entrevistados quando é lembrada como o lugar das brincadeiras da infância, dos namoros, dos encontros na praça, entre outros aspectos. O lugar se constitui como tal nas memórias a partir das emoções das pessoas, pois percebemos que os sentimentos contribuem para que os indivíduos pensem a cidade como o lugar de viver, de ser feliz.

Acreditamos em tais aspectos, pois percebemos que as pessoas entrevistadas iniciam seus relatos fazendo referência ao lugar onde suas moradias estavam situadas no município. Esse ponto de partida é comum a todos os relatos de memória. A esse respeito, observemos o relato da senhora Severina Muniz. Ela nos diz:

Essa rua que nós estamos morando hoje [atual Rua Epitácio Pessoa] tinha muito poucas casas, era só mato, cheia de pedra, e de buraco. Não tinha essas casas, assim como é hoje, não. Era muito pouca e tudo de taipa, aqui [aponta para a Rua Epitácio Pessoa, antes Rua do Alto] no tempo que nós casamos [i.e., na década de 1960], não tinha nem calçamento. Nessa rodoviária, aqui onde hoje tem esse galpão, era um campo. Nesse campo, o povo fazia tourada, vaquejada. Era a atração da cidade! Eu mesmo gostava muito de ver os bois brabos, mas era tudo de longe, porque, se chegasse perto, se acabava o mundo [risos]. Era tudo cercado, né? E a gente ficava na parte mais alta. Pagava e ia assistir. Também tinha o futebol, mas não era como esses outros, não. Era só um campinho para as crianças. Os adultos também se divertiam aí [aponta para o terminal rodoviário desativado; nos dias atuais, apenas uma cobertura que abriga feirantes e fregueses em dias de feira]. E tinha mais, viu? Quando chovia, isso aqui [aponta para a Rua Antônio Gonçalves] ficava um mar de água quando o riacho enchia.

Tinha muito pé de aroeira, ali na Rua do Aricuru [atual Rua da Areia], ali não tinha rua, não. Era só os terrenos.<sup>5</sup>

Essa senhora, algumas décadas depois, representa a rua onde reside, as demais espacialidades da cidade e as vivências que foram suplantadas. Em seus relatos estão implícitos o saudosismo e as aspirações de viver em uma cidade mais salubre. Nesse sentido, rememora momentos de diversão vividos no auge de sua juventude, enquanto enfatiza em suas lembranças a sutil urbanização de Aroeiras. Remete à presença significativa de vegetação ao longo do perímetro urbano, já que nas impressões dessa senhora os espaços que não eram ocupados por casas, eram preenchidos por “mato”. Alguns vazios (sem edificações) eram aproveitados, mesmo que temporariamente, para a realização de alternativas de diversão como o futebol, as touradas e as vaquejadas.

O futebol acontecia, geralmente, aos domingos, no campo improvisado; já as touradas e as vaquejadas, realizavam-se de forma menos frequente. Quando aconteciam, sem dúvida coloriam aquele espaço com seus elementos rurais, conferindo mais ruralidade àquele trecho com quase nenhuma materialidade urbana. Compreende-se ainda que durante tais festividades, os elementos dos espaços do urbano se mesclavam de forma expressiva com as práticas rurais; ou seja, as práticas rurais adentravam o urbano, que não possuía muitos traços de urbanização, como sugere o relato da senhora Severina Muniz e os indícios dos tipos de sociabilidades vivenciadas pelos aroeirenses naquele período.

Tais vivências dos praticantes da cidade estão presentes em quase todos os relatos dos entrevistados que, em algum momento de suas narrativas — ao comentarem sobre a configuração urbana — remetem a esses divertimentos e os apresentam, sobretudo, como sendo as diversões que frequentavam ao lado de familiares e amigos nas décadas de 1970 e 1980. Mas ao relatarem esses aspectos também nos contaram sobre as suas subjetividades, deixaram evidentes suas emoções, seus sentimentos de saudade e os desejos que sentiam de viverem em uma Aroeiras que comportasse melhores condições de sobrevivência.

Ao rememorarem esse período da história da cidade, no que se refere às sociabilidades, exprimem com saudosismo as experiências de praticantes ordinários do urbano.<sup>6</sup> Em suas lembranças, as vaquejadas e touradas são recorrentes, assim como as festas da Santa Padroeira Nossa Senhora do Rosário e os Pastoris do Natal. Segundo a senhora Maria Amaro, os Pastoris eram “muito bonitos, a gente se divertia; era uma coisa linda nos tempos mais pra trás; mas se acabou tudo, não tem mais, não”.<sup>7</sup> Essa recorrência à rememoração de divertimentos, momentos lúdicos da adolescência e, em alguns casos, também da infância transbordam dos relatos dos entrevistados, ao serem

<sup>5</sup> Severina de Souza Muniz. Concedeu-nos entrevista no dia 12 de maio de 2013.

<sup>6</sup> Na compreensão de Michel de Certeau, as vivências urbanas são desencadeadas pelos praticantes ordinários da cidade. As pessoas comuns as enveredam pelos espaços que compõem o urbano os praticam, os constituem e constroem mecanismos de sobrevivências, meios para lidar com as adversidades e tornar os espaços habitáveis. Sobre isso, ver: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

<sup>7</sup> Maria Amaro de Souza. Concedeu-nos entrevista no dia 13 de maio de 2013.

indagados sobre as mudanças nos espaços do urbano, embora não tenham sido convidados a lembrar desses aspectos naquele momento da entrevista.

Expressos com saudosismo, parecem ter deixado de existir, sobretudo, devido às modificações pelas quais a cidade de Aroeiras passou. Tais aspectos são percebidos nos relatos do depoente José Severino. Este colaborador rememora as brincadeiras de rua, faz alusão à criatividade dele e das crianças de sua época, responsáveis por criar seus próprios brinquedos, o que, segundo ele, “estimulava a imaginação das crianças daquela época”. Assim, percebe-se sem maiores dificuldades que as lembranças dos moradores estão permeadas por suas subjetividades individuais. Nesse sentido, contou-nos esse entrevistado:

Eu me lembro da cidade como uma poesia. As ruas não tinham calçamento, nós brincávamos nessa rua [atual Avenida José Pedro de Melo]. O nosso carro era feito de lata de doce; carregávamos com caixas de fósforo, de sabugo, castanha. Nós vivenciávamos uma época maravilhosa, trocávamos nossa bola de gude por uma bola de meia, acreditávamos piamente em papai Noel. Pra mim, foi a melhor época da minha vida. Essas coisas se perderam, a cidade mudou, mas não melhorou, não desenvolveu, e essas coisas se perderam.<sup>8</sup>

O senhor José Severino alude à cidade de maneira poética, expressa sua afetividade e deixa transbordar a saudade das experiências que viveu. Utiliza expressões como “paisagem poética”, “a cidade eu vejo como uma poesia”, para expressar que naquele espaço teria vivenciado um tempo mágico. Ademais, relembra a infância, configurando Aroeiras como um “cenário” maravilhoso de se viver. Acredita, diferente da grande maioria dos entrevistados, que, mesmo sem infraestrutura, a vida na cidade do passado era melhor. Rememora e expressa saudade, principalmente ao mencionar aspectos relacionados à sua infância.

Nos relatos do referido senhor, as ruas sem calçamento, de chão batido, empoeiradas ou lamacentas, sem movimento, com quase nenhum transeunte, eram povoadas pelas brincadeiras de crianças que, segundo ele, estavam vivenciando um tempo mágico, no qual a criatividade se sobressaía; pois fabricar carros feitos de latas de doce para brincar, bem como brincar de comunicar-se com telefones que nada mais eram do que dois copos de plástico, ligados por um cordão sustentado por dois fósforos, um encaixado em cada copo, eram práticas que aguçavam os sonhos, as fantasias, tornavam mágicas as experiências naquele período.

Décadas depois, já nos dias atuais, esses acontecimentos narrados são rememorados com saudade por esse senhor, que idealiza a precariedade dos aparatos urbanos. No entanto, não se pode generalizar que essa recorrência aos momentos de divertimentos se deu, predominantemente, pelos mesmos motivos. Considera-se viável refletir, sobretudo, sobre as informações fornecidas pelo senhor José Severino, Dudé das Aroeiras, como diz ser mais conhecido e como prefere ser chamado, uma vez que, na entrevista concedida por ele, o saudosismo e os sentimentos aparecem de forma muito mais expressiva do que nos relatos dos demais entrevistados.

---

<sup>8</sup> José Severino da Costa Barbosa. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de maio de 2013.

Acredita-se que a experiência cultural e afetiva desse senhor – assim como das demais pessoas entrevistadas - interfere na forma como ele interpreta os espaços, as relações que eles comportavam. No caso do senhor Dudé das Aroeiras, acreditamos que formula tais elucidações pelo fato de ser um poeta que escreve sobre a cidade, fazendo alusão, sobretudo, aos tempos mais remotos, com ênfase nas experiências de sua infância e juventude, fazendo menção a aspectos mais gerais que teria vivido nessas etapas de sua vida, durante as décadas de 1960 e 1970. Para ele, nesse período de outrora a vida era melhor, pois ele não se identifica tanto com a cidade do qual é contemporâneo atualmente.

Além disso, o senhor José Severino, ao remeter-se às diversões, também destaca os bares, que se configuraram nas narrativas como um espaço de diversão. Os bares são significados por esse depoente como lugares frequentados por boêmios. Na sua narrativa, um bar ganha visibilidade e se diferencia dos demais. Percebemos que sua fala atribui muita importância ao bar denominado de Bar e Restaurante Glória, do senhor conhecido como Zezé do Bar. Sobre esse “ponto de encontro”, ele nos conta:

Nós levávamos o violão. Não conto os finais de semana que nós chegávamos no bar de dez da manhã e saíamos às sete da noite. Tocando violão, conversando sobre o cotidiano de cada um. Na época, nós éramos a maioria estudantes. Trabalhávamos na CIT, que era a Companhia Inimiga do Trabalho [risos], era assim que nós falávamos. Era um divertimento muito grande. Era ele [Zezé do Bar] e toda uma equipe que trabalhava com ele e que também era receptivo, que era: Didi, João Raimundo, e tinha duas Maria; uma era a Maria pequena e a outra, a Maria Grande. [...] Era um bar como se fosse a Flórida, como fosse a antiga Samba de Campina Grande. Todo mundo que se dirigia aqui, era o Bar e Restaurante Glória. O Bar e Restaurante Glória era um ponto comercial receptivo a todos do município. O pessoal que vinha da Serra, que vinha de Massaranduba, de Gado Bravo, de todos os cantos do município; o pessoal que vinha de Boa Vista... Quem adentrava em Aroeiras procurava o Bar e Restaurante Glória, que era o Bar do Zezé. Era um bar muito sortido. Naquela época, ele servia almoço, e Zezé... E o bar tinha uma coisa interessante: ele servia água gratuitamente para o pessoal. Todo mundo tinha acesso a beber água. Poucas pessoas gostavam de fazer a doação da água, e Zezé, ele não negava isso a ninguém. E era um bar muito sortido e, além disso, havia uma versatilidade muito grande, porque os boêmios da época, os jovens no meu caso, no caso de Francisco Guedes, do professor Oldair, do professor Lamartine, nós fizemos muita farra nesse bar. Eu me lembro. Eu me lembro que a gente se reunia muito nas sextas-feiras. Das sextas para o sábado e nos finais de semana, sábado e domingo.<sup>9</sup>

Assim, esse bar descrito como um ponto de encontro para os mais jovens, que tocavam violão e ouviam músicas, enquanto bebiam e conversavam com seus amigos que se reuniam frequentemente aos finais de semana. Configura-se, na memória desse senhor, como um bar frequentado pelos boêmios à época, e muito provavelmente é também significado a partir de certo engrandecimento feito pelo entrevistado, pois não

<sup>9</sup> José Severino da Costa Barbosa. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de maio de 2013.

há dúvida de que, possivelmente, o Bar do Zezé era um ponto de encontros, mas era um local pequeno e modesto, como foi dito por tantos outros entrevistados.

Desta maneira, percebemos que as interpretações das pessoas que nós enxergamos como pessoas comuns, enriquecem nossa significação sobre o passado de Aroeiras. Por isso, apesar de estudarmos uma cidade pequena e precisarmos encarar a escassez muito grande de acervos documentais, escolhemos trabalhar com a história oral, enquanto metodologia de pesquisa, por vislumbrarmos as riquezas do trabalho com esse tipo de fonte. Os relatos de memória nos possibilitam vislumbrar vivências e nos trazem a possibilidade de colorir o passado de uma cidade ao longo das linhas que compõem este texto.

Trata-se de uma representação da cidade e do território praticado que associa elementos da cartografia convencional com os dados das experiências apoiadas em signos culturais múltiplos, destinados a oferecer uma outra compreensão, para além dos discursos dos planejadores e administradores urbanos (GUIMARÃES NETO, 2008, p.45).

É importante frisar ainda que, como já anunciamos, tais relatos orais de memória nos ajudam a buscar compreender como as modificações estruturais e sociais da cidade foram significadas pelos seus moradores. Nesse sentido, compreendemos que os entrevistados nos apresentaram o que consideram ser as carências e, ao mesmo tempo, significam e refletem sobre as melhorias urbanas responsáveis por modificar significativamente o perfil da paisagem.

Isso aqui, até um dia desses, eu arranquei marmeleiro, agaves, para fazer isso aqui nos anos 70. A casa eu comecei em 1968, mais ou menos. Aí em 1970 eu vim para colocar as meninas na escola. Aí vim morar aqui [residia no sítio Massaranduba, zona rural do município e mudou-se para a cidade]. Essa estrada aqui tinha, mas na terra. Depois foi que Seu Joaquin Leonardo (gestor de 1969-1973) quebrou tudo e faz esse calçamento aqui, descendo até na casa dele. Isso aqui não tinha nada. Aqui, nessa continuidade da Rua Padre Leonel Franca não tinha nada, era agaves, e o povo botava roçado. Aí com um certo tempo foram passando máquinas, foram limpando e terminou em uma rua. Aqui em 70, uma das primeiras casas era essa minha, e a primeira é essa de Severino Bezerra que parece que foi Seu Joaquim Leonardo que comprou ou deu, eu não sei. Pra baixo não tinha. Tinha aquela casa de Antônio Pedro em construção. Ele parou, passaram uns dez anos, aí depois recomeçou. E aqui só tinha essa, pra cá não tinha. Dos anos 70 para cá, aí desenvolveu, foi desenvolvendo, uns prefeitos melhor, outros mais fracos, foi desenvolvendo, passando máquinas, fazendo calçamento, e assim por diante. Melhorou muito!<sup>10</sup>

Compreendidas pelo senhor Manoel Andrade como melhorias, esta percepção estaria relacionada às reformas espaciais, à inserção de alguns equipamentos urbanos na rua em que esse senhor veio a morar com a sua família. Muito próximo ao Centro, na Rua Carlos Pessoa, onde construiu sua moradia, serviços de urbanização ainda estavam

<sup>10</sup> Manoel Francisco de Andrade. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de outubro de 2013.



iniciando-se. Sem rede elétrica, com rua aberta, porém ainda não calçada, poucas casas, sem abastecimento de água e sem rede de esgoto, é com essas características que o entrevistado configura o lugar que escolheu para viver com sua família.

Essa rua quando eu vim morar aqui não tinha calçamento. Aí Seu Joaquim tava pra casar, tava pra casar com essa menina, aí ele se interessou e fez esse calçamento. Ele era o prefeito, né? Aí então ele calçou e colocou um poste aqui na frente da casa dele. Aí deu certo. Serviu pra ele e para a gente, pra todo mundo. Tinha energia na cidade, mas aqui (atual Rua Carlos Pessoa) eu passei um bocado de dia no chaminé, né? Porque era longe o poste pra puxar energia pra aqui. Aí quando veio Seu Joaquim e botou ali no poste, ali na casa dele, aí ficou perto, aí puxou pra aqui, mas quando eu cheguei não tinha energia não.

O conforto proporcionado pela inserção desses equipamentos urbanos já era experimentado em outras partes da cidade, mas ainda não era extensivo àquela porção do urbano. Ao adentrarem teriam tornado a vida melhor. A urbanização, assim como a inserção de alguns equipamentos modernos de conforto, são fatores relevantes na construção da compreensão de que possuir tais características tornava o espaço urbano melhor de se viver. Assim, o relato do entrevistado reproduz que o viver urbano necessita de elementos de conforto necessários para a satisfação de seus moradores.

Nos seus relatos, percebemos que as melhorias estariam relacionadas às alterações físicas, em especial, às reformas espaciais da rua em que o senhor veio a morar com a sua família. Muito próximo ao Centro, na Rua Carlos Pessoa, as reformas urbanas ainda estavam sendo iniciadas. Sem rede elétrica, com rua aberta, mas ainda não calçada; ainda bem poucas casas, e sem abastecimento de água nem rede de esgoto; eram essas as carências do lugar onde o senhor Manoel Andrade escolheu viver com sua família. Assim, percebemos que após as transformações do urbano que aconteceram de 1970 a 1990, algumas práticas eram suplantadas e outros espaços de sociabilidade iam sendo configurados.

Na minha juventude... Eu tive uma juventude maravilhosa! Eu namorava nas praças. Nessa época, Aroeiras já possuía praças. Nós namorávamos nos bancos das praças, nas festas de rua. Os casais caminhavam, indo e voltando, passando um pelo outro, e a coisa mais interessante era a pureza. Eu me lembro de quando eu recebia bilhete, os casais mandavam bilhetes. Hoje, você vê a promiscuidade, naquela época, não, nós tínhamos os bares e o mais interessante na minha juventude: existia a presença assídua da família aroeirense no clube, onde as famílias, mesmo tradicionais, participavam da festa. Nós tínhamos a festa da padroeira, que ainda hoje existe, mas que não é mais uma festa de verdade como na minha juventude.<sup>11</sup>

Para o depoente, a Praça configura-se como o lugar dos namoros, dos passeios, da troca de bilhetes. Para o senhor Severino, sua juventude foi uma época sem promiscuidade, ao nos contar sobre a temporalidade da década de 1970, que ele faz

<sup>11</sup> José Severino da Costa Barbosa. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de maio de 2013.

referência como sendo a época de sua juventude. O entrevistado apresenta bares e praças como os principais espaços de sociabilidade para os moradores de Aroeiras. Além disso, também demarca uma divisão social, uma segregação espacial, pois, ao fazer referência a famílias tradicionais, sugere a existência de uma elite local que frequentava o Clube Recreativo existente na cidade.

Notadamente, é possível verificar que a cidade de Aroeiras era pouco configurada enquanto espaço urbano. Muito pequena, com poucas ruas urbanizadas, empoeiradas ou lamacentas, cercada e cortada pelo curso das águas dos riachos, enladeiradas, com ruas de chão batido que sediavam momentos lúdicos à porta da casa de seus moradores, em sua grande maioria pessoas que sobreviviam da agricultura familiar presente no município até os dias atuais, também comportava habitações simples, que compunham uma paisagem de dias tranquilos, de ritmo habitual; um modo de viver que ousamos dizer: pouco se aproximava de um estilo de vida urbano.<sup>12</sup>

Nas proximidades da Rua Antônio Gonçalves (antes Rua Grande), mais precisamente na atual Rua Carlos Pessoa, onde estava situada a casa do entrevistado Manoel Andrade, era possível ouvir o barulho do motor de algum carro que, eventualmente, passasse pelas vias de circulação, pois de dentro de sua residência se ouviam, frequentemente, os passos de mulas e jegues, o som de muitos animais relinchando. O senhor José Fernandes – morador da cidade, gestor por duas vezes no município – contou-nos que grande parte da população de Aroeiras se locomovia, predominantemente, utilizando animais para o transporte.<sup>13</sup>

Os moradores da zona rural e das áreas que compunham o urbano frequentavam espaços conhecidos pela denominação de ranchos, locais utilizados para deixar animais amarrados. Os homens e mulheres menos abastados utilizavam-se dos animais como transporte quando iam buscar água própria para o consumo em açudes pouco distantes da área central, e em cisternas particulares de vizinhos. A cisterna própria era um bem material restrito àqueles que possuíam condições de arcar com os custos da construção. Outra opção era a cisterna construída no subsolo do prédio do Mercado Público, com torneiras instaladas na frente desta edificação.<sup>14</sup>

Contudo, na pequena cidade que comportara muitas carências, um ritmo lento de vida e ruas configuradas com muitos elementos rurais – como já mencionaram os relatos de memória dos entrevistados - algumas obras começaram a ser realizadas. Ressaltamos que essas reformas se processariam através de um gradativo processo de transformações que, de forma lenta e gradual, promove a expansão da urbanização; possibilita que a infraestrutura se expanda da área central em direção às vias de circulação local.

Desejava-se ainda que a cidade ganhasse ares mais urbanas, e com isso outras práticas passassem a ser desencadeadas. Nesse período, Aroeiras recebeu a chegada

---

<sup>12</sup> Sobre o modo de vida urbano, ver: SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

<sup>13</sup> José Fernandes de Melo. Concedeu-nos entrevista no dia 12 de maio de 2013.

<sup>14</sup> Sobre a construção da cisterna e a distribuição de água no Mercado Público, ver: GOMES, Iordan Queiroz. *Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)*. Campina Grande: UFCG, 2012 (Dissertação de Mestrado em História).

do abastecimento de água;<sup>15</sup> ruas foram contempladas com rede de esgoto; a energia elétrica foi ampliada no urbano e instalada em algumas localidades da zona rural, sobretudo as com uma população mais expressiva, como Gado Bravo e Pedro Velho. Verificamos ainda que foi construído o primeiro hospital, denominado de Hospital e Maternidade José Marinho,<sup>16</sup> inaugurado durante a gestão do então prefeito José Fernandes de Melo (1977-1982).

Muito próximo ao hospital, a Rua dos Coqueiros (atual Rua Zeferino de Paula), foi urbanizada durante a gestão de José Fernandes de Melo (1977-1982). A área também foi contemplada com três mil metros quadrados de calçamento, e quatrocentos metros lineares de meio fio. A rede elétrica foi ampliada, e foram instalados postes de ferro com luminárias nos canteiros.<sup>17</sup> Nesse processo de modificações, os lugares não são mais os mesmos, pois mudaram a sua essência, ou simplesmente desapareceram da paisagem urbana (MONTE, 2010, p. 297-324).

Para exemplificar, citamos a construção de uma ponte para auxiliar na travessia do riacho existente no cruzamento da Zeferino de Paula (antes Rua dos Coqueiros) com a Rua Antônio Gonçalves. A construção dessa obra teve início durante a gestão do então prefeito José Fernandes de Melo (1977-1982), e foi inaugurada durante a gestão de Gilberto Bezerra de Souza (1983-1988). Sobre isso, relatou-nos o senhor Manoel Andrade:

[A cidade] Melhorou muito! Ali onde hoje é aquela ponte, aquilo ali era um riacho. [...] Naquele riacho ali era a cheia, era a cheia... Era tudo na terra! O trabalho quando tinha água pra passar ali era o maior do mundo! Encruzar a água era um sacrifício. Aí depois desviou o riacho e botou pro outro lado. Ali no posto [localiza-se na atual Rua Zeferino de Paula, próximo à referida ponte] deixou de ser riacho ali, aí passou pra esse daqui, mas continuou a água, né? Aí com o tempo depois veio Fernando Pedro, aí ajeitou e fez aquela ponte, né? Fez calçamento, ponte... Aí se acabou a agonia da água.<sup>18</sup>

Neste relato, observamos às modificações na paisagem, e como o senhor Manoel Andrade as interpretou. As novas espacialidades resultavam de desejos de atribuir infraestrutura e urbanização à cidade, pois se sabe que a prática de abertura de ruas e avenidas é norteadas por ideias progressistas de modernização das cidades. Assim, aquela espacialidade foi redesenhada e ganhou os contornos de uma paisagem urbana.

---

<sup>15</sup> O Projeto de Lei nº 240, de 11 de junho de 1971, autorizou o executivo a celebrar convênio com a superintendência de obras do Plano de Desenvolvimento do Estado (SUPLAN), assim como com a Companhia de Água da Paraíba (CAGEPA), para a construção do abastecimento de água de Aroeiras. Durante muito tempo, a população sofreu sem essa melhoria, enfrentando os períodos de ausências de chuvas e desencadeando conflitos, verdadeiras brigas, por esse líquido tão necessário à sobrevivência humana.

<sup>16</sup> O Projeto de Lei nº 60 (30/04/1973), aprovado pelo legislativo, autoriza a desapropriação de um terreno destinado à construção do hospital da cidade. O prefeito municipal ficou autorizado a abrir crédito especial na importância de Cr\$ 4.000,00 (quatro mil cruzeiros) para fazer face às despesas da lei nº 07, de abril de 1973.

<sup>17</sup> Cartilha “*Você precisa conhecer a vida e a história do seu município*”, publicada da administração de José Fernandes de Melo (1977-1982) para divulgar as ações e obras de sua administração.

<sup>18</sup> Manoel Francisco de Andrade. Concedeu-nos entrevista no dia 21 de outubro de 2013.

No entanto, por ser um processo desencadeado de forma lenta, no perímetro urbano de Aroeiras, o “novo” e o “velho” convivem, notadamente, ao longo dos anos que vão de 1970 a 1990.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao enveredarmos pelo estudo da cidade, a história oral, tomada como metodologia de pesquisa, nos permitiu utilizar como fonte relatos em que estão contidas as experiências dos moradores de Aroeiras. Então, lançamos o nosso olhar sobre as reformas que redefiniram os desenhos dos espaços, considerando que após as mudanças outras *artes de fazer* emergiram, mas aquele pequeno espaço urbano continuou com o ritmo lento, de uma cidade de pequeno porte, pacata, muito embora, acreditemos que os seus espaços urbanos e as práticas dos seus cidadãos tenham ganhado outras conotações.

Contudo, salientamos que escrevemos uma história, realizamos uma possibilidade de interpretação. Não há, portanto, como pretender esgotar as cidades e as suas histórias. Elas se refazem, alimentam a renovação da escrita da história, as narrativas sobre o passado (REZENDE, 1997, p. 24).

## REFERÊNCIAS

AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRESCIANNI, Maria Stella Martins. *As sete portas da cidade*. IN: Revista Espaço e Debate. N. 34, São Paulo: NERU, 1991.

CABRAL FILHO, Severino. *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)*. João Pessoa, UFPB/PPGS, 2007. Tese (Doutorado em Sociologia - UFPB).

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Jordan Queiroz. *Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)*. Campina Grande: UFCG, 2012 (Dissertação de Mestrado em História).

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Espaços entrecruzados na história: práticas de pesquisa e escrita. In: MONTENEGRO, Antônio Torres *et al* (org.). *Histórias: cultura e sentimento-outras histórias do Brasil*. Recife. Editora Universitária/ UFPE/ EDUFMT, 2008.

JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. A dimensão metodológica da história oral. In: *A oralidade dos velhos na polifonia urbana*. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2003, p. 40-56.

MONTE, Regianny Lima. Memórias e (res) sentimentos em torno do processo de modernização de Teresina durante a década de 1970. In: NASCIMENTO, Francisco

Alcídes. *Sentimentos e ressentimentos em cidades brasileiras*. Teresina: EDUFPI; Imperatriz, MA: Ética; 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias*. Revista Brasileira de História. V. 27, n. 53, 2007.

REZENDE, Antônio Paulo. *(Des) encantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

SIMMEL, George. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio G. (Org.). *O fenômeno urbano*. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1973.

SOUZA, Antônio Clarindo de. Apresentação: Experiência Moderna e Cidades. In: SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. FERNANDES, Paula Rejane. (Org.). *Cidades e Experiências Modernas*. Campina Grande, UDUFCG, 2010.